

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ – ICESPI

FRANCISCO DAS CHAGAS SANTOS MARTINS

A EXISTÊNCIA E ESSÊNCIA DE DEUS NA FILOSOFIA DE TOMÁS DE AQUINO

*Monografia apresentada como requisito para a
conclusão do curso de Bacharel em Filosofia, no
Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí.
Orientador: Prof. Dr. Wellington Cavalcante Viana.*

Teresina
2014

FRANCISCO DAS CHAGAS SANTOS MARTINS

A EXISTÊNCIA E ESSÊNCIA DE DEUS NA FILOSOFIA DE TOMÁS DE AQUINO

Monografia apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel em Filosofia, no
Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí.

Orientador: Prof. Dr. Wellistony Carvalho Viana.

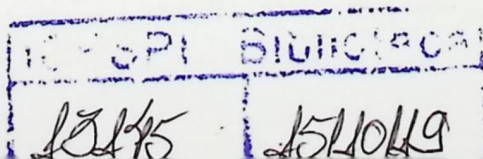
A EXISTÊNCIA E ESSÊNCIA DE DEUS NA FILOSOFIA DE TOMÁS DE AQUINO

Monografia apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel em Filosofia, no
Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí.

Orientador: Prof. Dr. Wellistony Carvalho Viana.

Cod. 5863
100
M379e
Ex01

Teresina
2014



FRANCISCO DAS CHAGAS SANTOS MARTINS

A EXISTÊNCIA E ESSÊNCIA DE DEUS NA FILOSOFIA DE TOMÁS DE AQUINO

Monografia apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel em Filosofia, no
Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí.

Orientador: Prof. Dr. Wellistony Carvalho Viana.

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me ter proporcionado a oportunidade que me possibilitou realizar
esta obra na busca do conhecimento.

Dedico esta monografia aos meus pais Antonio da
Costa Martins e Regina Lucia dos Santos Martins.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos meus professores e mestres que me incentivaram nessa dura lida na busca do conhecimento.

“A humildade é o primeiro degrau para a sabedoria.”

(Tomás de Aquino)

RESUMO

O estudo sobre a metafísica em Tomás está aqui desenvolvido em três extensos tópicos – *extensos, mas diluídos* – que tratam desde sua vida de monge, pensador, mestre e anjo do conhecimento à explicação de sua sabedoria nas suas principais obras (1); a estrutura de sua metafísica do ser de Tomás (2); os principais pontos da metafísica do ser de Tomás (3); passando pela explicitação de suas vias ou caminhos para se chegar à prova da existência de Deus (4). Depois da demonstração de suas vias que é feita pelo método *a posteriori*, refletir-se-á sobre a essência de Deus (5) da qual se investigará a sua possibilidade de ser conhecida e, se realmente pode ser especulada pelo juízo humano; tudo isso, se desenvolverá pela aplicação de atributos positivos (5.1) e negativos (5.2) a Deus, que serão prova de um conhecimento de Deus.

Palavras-chave: Deus. Existência. Essência. Filosofia. Tomás.

ABSTRACT

The study of metaphysics in Thomas is developed here in three large topics - extensive but diluted - dealing from his life as a monk, thinker, teacher and angel from knowledge to wisdom in his explanation of his major works (1); the structure of his metaphysics of being of Thomas (2); the main points of the metaphysics of being Thomas (3); through the explicitness of their routes or ways to get proof of God's existence (4). After the demonstration of their way which is taken by a posteriori method, based on the essence of God (5) of which investigate its possibility to be known and will be reflected-if indeed it can be speculated by human judgment; all this will develop positive attributes by applying (5.1) and negative (5.2) to God, that will be proof of a knowledge of God.

Keywords: Lord. Existence. Essence. Philosophy. Thomas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 VIDA E OBRAS	11
2 A ESTRUTURA BÁSICA DA METAFÍSICA DO SER DE TOMÁS	14
3 OS PONTOS FUNDAMENTAIS DA METAFÍSICA DO SER DE TOMÁS	16
4 A EXISTÊNCIA DE DEUS	20
5 A ESSÊNCIA DE DEUS	31
CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

É imprescindível ao homem que estuda Metafísica não fazer uma reflexão sobre o ser, seja na Ontologia, seja na Teodicéia, as quais respectivamente referem-se ao estudo do ser enquanto ser e, ao estudo de Deus à luz da razão humana. Tomar-se-á por referência este último, sobre os quais se envergarão os discursos diversos nesta pequena obra.

Acerca da Metafísica, muitos filósofos discutiram, comentaram, sobretudo sobre a Teodicéia que, sob certo aspecto, tange o assunto que todos os homens tem o desejo de conhecer, Deus, que parece ser o fim último do homem.

Toda a reflexão da Teodicéia fundamenta-se em duas perguntas básicas: “Deus existe?” e, se existe, “o que é Deus?” ou, de forma mais clara, sobre a existência e a natureza ou essência de Deus. Filósofos como Anselmo de Aosta, Descartes, Kant (*sem falar em outros antes deles como os agnósticos e os fideístas*) refletiram sobre essas questões. Além desses, não importando para critério de análise a ordem de suas existências, outro filósofo e teólogo de cuja filosofia trata este escrito, Tomás de Aquino (1973) discorre de forma clara e acessível, até ao senso comum, na sua metafísica do ser sobre a existência e a essência de Deus.

Entretanto, Tomás de Aquino aceitava a terminologia da essência e da existência e utilizava frequentemente esses termos na sua metafísica. Em todas as criaturas, ensinava ele, a essência e a existência são distintas; em Deus, porém, são idênticas: a essência de Deus é a sua existência. Esta conclusão é frequentemente entendida como o resultado de um sublime discernimento metafísico. De facto, parece apoiar-se sobre um equívoco.

Devemos distinguir entre a essência genérica e a essência individual. Se entendermos «essência» no seu sentido genérico (como uma realidade que corresponde a um predicado, como «... é Deus», «... é humano», «... é um Labrador»), então é verdade que existe, em todas as criaturas, uma distinção real entre essência e existência. Ou seja, o facto de existirem ou não exemplares de uma certa categoria de coisa é uma questão muito diferente daquilo que são as características constituintes de uma coisa dessa categoria— por exemplo, o facto de haver ou não unicórnios é um tipo de questão diferente da de saber se os unicórnios são mamíferos. Mas se entendermos «essência» neste sentido, a doutrina de que a essência e a existência são idênticas em Deus é um disparate: corresponde a dizer que à questão «A que categoria pertence Deus?» se deve responder «Deus existe».

Por outro lado, se entendermos «essência» no sentido individual pelo qual podemos falar da humanidade individualizada que Sócrates e só Sócrates possui, então a doutrina da

distinção real nas criaturas torna-se obscura e infundada. Como Tomás de Aquino muitas vezes afirmou, para um ser humano, existir é continuar a ser um ser humano; a existência de Pedro é a mesmíssima coisa do que Pedro continuar a possuir a sua essência; se ele deixar de existir, deixará de ser um ser humano e a sua essência individualizada desaparece da natureza das coisas.

O estudo sobre a metafísica em Tomás está aqui desenvolvido em três extensos tópicos – *extensos, mas diluídos* – que tratam desde sua vida de monge, pensador, mestre e anjo do conhecimento à explicação de sua sabedoria nas suas principais obras (1); a estrutura de sua metafísica do ser de Tomás (2); os principais pontos da metafísica do ser de Tomás (3); passando pela explicitação de suas vias ou caminhos para se chegar à prova da existência de Deus (4). Depois da demonstração de suas vias que é feita pelo método *a posteriori*, refletir-se-á sobre a essência de Deus (5) da qual se investigará a sua possibilidade de ser conhecida e, se realmente pode ser especulada pelo juízo humano; tudo isso, se desenvolverá pela aplicação de atributos positivos (5.1) e negativos (5.2) a Deus, que serão prova de um conhecimento de Deus.

Conforme a descrição, há a discussão da metafísica do ser de Tomás aplicada à procura da resposta sobre a existência e essência divinas que são expostas a seguir.

1 VIDA E OBRAS

Justamente no conhecido século de ouro da idade Média, nasce um dos maiores gênios e expoentes no campo da filosofia e teologia, chama-se Tomás de Aquino, de linhagem real, dos condes de Aquino (*por isso de "Aquino"*).

Nasce, Tomás de Aquino, em 1225, em Rocassecia, sul do Lácio, filho de Londolfo de Aquino, um dos homens mais ilustres da Itália e amigo da família imperial, conde de Aquino de origem italiana e, de Teodora Teate descendente de normandos. Em 1230 ingressa a Abadia Beneditina de Monte Cassino, da qual é abade seu tio Sinibaldo; neste período, tem sua primeira educação.

Em 1239 prossegue seus estudos na Universidade de Nápoles. Em 1245 entra para a Ordem dos dominicanos, ação que sua família repudia reagindo rigorosamente, prendendo-o e despojando-o de seu hábito, mas logo tudo se resolveria e Tomás seria posto em liberdade, desimpedida para seguir seu caminho. Daquele ano até 1248, Tomás terá sua formação acompanhada por Alberto Magno (1205-1280), que muito influenciou seu pensamento e a quem ajudou a fundar o Centro de Estudos Gerais em Colônia, na Alemanha.

Em 1253 tornou-se *Magister in Theologia* e passou a ensinar tal disciplina em Sorbona. Indicado por Alberto Magno, ensinou em Paris como *baccalaureus biblicus* de 1252 a 1254 e, deste ano a 1256, como *baccalaureus sententiarum*. Visitou várias universidades européias, dentre elas as maiores, Roma, Bolonha, Nápoles e Colônia, pois sendo mestre em Teologia podia desfrutar de tal vantagem porque fazia parte do costume de sua ordem.

O Aquinate teve uma brilhante vida, dedicada ao estudo, meditação e reflexão principalmente sobre Deus¹. Admirável foi seu claro, claro e tão profundo pensamento. Aquino viria a falecer em 1274, quando se dirigia a Milão, para participar de um importante Concílio a convite de Gregório X.

A vida de Tomás foi inteiramente dedicada à meditação e ao estudo. Hábil e metódico, sintetizou o que de valor a inteligência humana até então havia desenvolvido em filosofia e teologia.

Como método, expunha em ordem as questões, prevendo as objeções e as respostas de forma detalhada, o que revela sua preocupação em evitar omissões. A piedade espontânea fez com que aceitasse com simpatia tudo o que conduzisse a Deus, mas isto não superava seu senso crítico. Demonstrou, por exemplo, a ineficácia do argumento sobre a perfeição, de

¹ Segundo conta a tradição Tomás teria afirmado antes de morrer: "*por amor de ti (hóstia), estudei, velei e trabalhei; preguei e ensinei*" (GUILHERME DE TOCCO *apud* JOÃO AMEAL, 1941, p. 132).

Santo Agostinho, na prova da existência de Deus. Negou todas as tentativas de provar por via racional a Trindade das pessoas divinas. Separou a teologia e a filosofia como ciências especificamente distintas.

Tomás produziu vários escritos, dentre eles destacam-se estes: As obras sistemáticas, *In quattuor libros sententiarum* (1254-1256), *Summa contra gentiles* (1258-1260) e, *Summa Theologia* (1266-1273); As “Quaestiones disputates”, *De Potentia* (1259-1263), *De Malo* (1263-1263), *De Anima* (1269-1270), *De Virtutibus* (1270-1272), e *De Veritate* (1256-1259); Os comentários filosóficos, que se referem às obras de Aristóteles, Boécio e do Pseudo-Dionísio. De Aristóteles, comentou a *Física* (1265-1270), a *Metafísica* (1265-1270), a *Ética* (1266), a *Política* (1268), os *Analíticos Posteriores* (1268), *Da Alma* (1270), o *Perihermencias* (1269-1272); Obras de menor valor geral, *De ente et essentia* e o *De regimine principum*; E, por fim, *Opuscula*, *De occultis operationibus naturae* (1269-1272), *De unitate intellectus* (1270), *De aeternitate mundi* (1270), *In libros causas* (1269?), e *De regimine Iudaeorum* (1269-1272).

A vasta obra de Tomás é resultado de sua vida dedicada ao ensino. Muitos de seus textos são comentários de livros da Bíblia, dos santos padres, de Aristóteles e outros autores.

Tomás foi um homem e estudioso que unindo a fé e a razão buscou, de forma clara, explicar aquela, visto que sua empresa, em toda a sua vida, foi tratar com categorias sucintas e objetivas a realidade divina.

Na obra, o filósofo e teólogo teve como preocupação central mostrar a relação entre o cristianismo e a filosofia clássica grega, tendo as ideias de Aristóteles como fundamento. O conjunto de livros é uma das obras centrais da literatura ocidental, além de ser o sustentáculo do tomismo, corrente filosófica que tem as teorias de Tomás de Aquino como substrato.

O tomismo foi um dos argumentos usados pela igreja católica para reafirmar a fé cristã, principalmente na contra-reforma, que tinha a intenção de combater o protestantismo na Europa.

Tomás de Aquino foi considerado doutor da igreja católica, príncipe da escolástica. Foi canonizado em 1323 pelo Papa João XXII. O seu estudo sobre a realidade fixou-se num racionalismo moderado, como o de Aristóteles e Abelardo, tomando como ponto inicial o “ser” captado pela inteligência no âmbito do conhecimento sensível, de onde o abstrai para em seguida buscar novos resultados da especulação, sem nunca ultrapassar o campo limitado do sensível. Com isso, rejeitou o aspecto idealista de filosofia de Platão e de Agostinho.

No entanto, em todas as suas obras predomina a intenção de polêmica contra aqueles que, no entender de Tomás, fazem mau uso da razão, seja avançando os limites de sua competência, seja diminuindo o seu valor.

Tendo, mais ou menos por base, as obras, bem como o contexto cultural e intelectual de Aquino, ocupar-se-á agora com mais propriedade do estudo do tema propriamente dito.

2 A ESTRUTURA BÁSICA DA METAFÍSICA

A estrutura básica da metafísica do ser de Tomás está expressa de forma fundamentalmente clara em sua obra, classificada como juvenil *O ente e a essência*, onde conceitua ente e essência, descreve as linhas individuadas das premissas teóricas que embasariam o seu pensamento filosófico.

O nome basilar é o conceito de ente, com o qual se indica qualquer coisa que existe. Ele pode ser tanto lógico ou puramente conceitual como real ou extramental. Essa distinção é da maior importância, porque significa que nem tudo o que é pensado existe realmente. O ente lógico e o ente real, conforme citação de Sofia Vanni Rovighi feita por Reale, são duas vertentes que se precisa manter distintas. O ente lógico se expressa através do verbo auxiliar ser, conjugado em todas as formas: A sua função é a de unir vários conceitos, sem com isso pretender que eles existam efetivamente na realidade, pelo menos do modo como são concebidos por nós. Nós usamos o verbo ser para expressar conexões de conceitos, que são verdadeiras no sentido que ligam corretamente tais conceitos, mas não expressam a existência de conceitos que ligam. Quando dizemos que a afirmação é contrária à negação, ou que, a cegueira é dos olhos, falamos a verdade, mas esse “é” não significa que existe a afirmação nem que existe a cegueira. (REALE; ANTISERI, 1990, p.556).

No que diz respeito ao ente real pode-se dizer que existe. Tudo o que existe e Deus também, pode-se dizer que é ente porque existem. O ente refere-se a tudo, tanto aquele como a este ser, mas apenas de modo analógico, porque Deus é ser, mas o mundo tem ser. Isso se diz por que em Deus o ser se identifica com sua essência, por isso é chamado de ato puro e ser subsistente, mas na criação ou na criatura se distingue o ser da essência, no sentido de que a essência tem existência.

A essência e o ato de ser são o fundamento do ente real. A essência indica o que é uma coisa, isto é, o conjunto dos dados fundamentais pelos quais os entes – se distinguem entre si. No que se refere a Deus, a essência é o ser, mas para todos os outros seres significa a essência, disposição para ser, ou no mesmo sentido potência de ser.

A partir do ente real é que se diz que, tendo o ente essência e tendo ser, e que estes não se identificam e, que os entes como um todo, exceto Deus, tem potencia de ser, o mundo é contingente. Os seres, quer dizer Tomás, tem o ser por participação no ser de Deus.

Assim a metafísica ou a filosofia última de Tomás, é uma filosofia do concreto, já que o ser é o ato graças ao qual as essências existem de fato.

Essa metafísica estruturada em ente lógico e real tem aspectos os mais diversos que devem ser estudados aqui a fim de que quem leia este trabalho saiba que há conexões entre os tópicos. É preciso doravante estudar os pontos fundamentais dessa metafísica do ser e da essência, do absoluto e da contingência.

3 OS PONTOS FUNDAMENTAIS DA METAFÍSICA DO SER DE TOMÁS

Os fundamentos sobre os quais Tomás de Aquino ampara sua metafísica cujos conceitos-cerne foram debatidos *supra* são proposições as quais procura inserir no contexto metafísico embasando seu pensamento em Aristóteles. Pode-se, na verdade, são pontuações que ele utiliza para não deixar seu pensamento e o seu intento esparsos.

São estes os pontos sobre os quais se funda toda a metafísica de Tomás de Aquino:

A perfeição máxima é o ser;

Os seres originam-se do ser por criação;

A criação é uma participação da perfeição do ser aos outros seres;

A limitação da perfeição do ser nos seres é devida a uma potência, isto é, à essência.

3.1 A perfeição máxima é o ser: não a ideia do ser, mas o ato de ser.

Esta é a interessante intuição de Santo Tomás, que lhe permite construir um novo sistema filosófico, diverso dos de Platão e Aristóteles. Sistema totalmente novo, mesmo nos elementos que Tomás aceita de Platão e Aristóteles, por que ele os batiza nas águas lustrais de sua noção de ser. Para que esta afirmação não pareça gratuita, citemos, logo alguns dos maiores problemas que Tomás está em condições de resolver com seu novo conceito de ser. Com ele é-lhe possível precisar em que consiste a natureza de Deus: a sua essência é constituída exatamente pelo ser, sendo o ser a suprema perfeição e, por isso, a que mais convém a Deus.

Se aplicado às coisas todas, o novo conceito de ser explica de onde se engendram, sua finitude, a sua semelhança e o seu agir (e vir-a-ser): as coisas originam-se por participação na perfeição do ser. São finitas porque a sua participação é limitada; são semelhantes porque todas são aparentadas pela mesma perfeição: estão em condições de agir porque o agir é a irradiação do ser que possuem. Com o novo conceito de ser, Tomás pode explicar as relações entre substância e acidentes, entre alma e corpo: o acidente recebe o ser da substância; o corpo, da alma. Tendo a alma o ser por si mesma, a sua imortalidade é por isso garantida. Finalmente, com o novo conceito tomista de ser, é possível dar um fundamento objetivo à moral, enquanto todo agir tem como finalidade última a realização de um modo de ser.

Tomás de conhecimento da importância de sua descoberta. Por vezes parece não encontrar os termos adequados e que uma ou outra vez procura contornar a insuficiência do vocabulário, formando superlativos com substantivos, à moda hebraica (exemplo, *esse est*

actualitas omnium actuum, o ser é a atualidade de todos os atos). Somente para ilustra, veja-se algumas passagens:

- “De todas as coisas o ser é a mais perfeita” (*esse est iter omnia perfectissimum*);
- “A excelência de uma coisa depende do seu ser”;
- “O que em qualquer efeito é mais perfeito é o ser; qualquer natureza ou forma adquire a perfeição pelo fato de ser em ato”.

3.2 Os seres procedem do Ser por criação

A perfeição do ser como tal é única e identifica-se com Deus. Como explicar, porém, que, além do Ser, existam seres? Segundo Tomás, isto se deve à ação criadora do Ser. “O Ser subsistente não pode ser mais de um (...). Logo, todos os seres diversificados (...) necessariamente devem ser causados por um ser primeiro e perfeitíssimo” (*Summa Theologica*, I, 44, 1).

A incomunicação do Ser aos seres não se dá, porém, por emanção, como ensinaram os neoplatônicos, mas por criação, produção, a partir do nada, de alguma coisa que participa da perfeição do Ser.

3.3 A criação é uma participação dos seres, por semelhança, na perfeição do Ser Supremo

A palavra participação é empregada por Tomás tanta para descrever o ato pelo qual o Ser comunica a sua perfeição aos seres como para indicar a operação pela qual os seres participam da perfeição do Ser. A primeira chama-se participação comunicativa, a segunda, participação receptiva. Tomás distingue, além disso, dois modos de participação receptiva: a participação predicamental – os material ou por composição –, e a participação transcendental – ou por semelhança. As criaturas são participações do Ser neste segundo sentido.

“Deve-se saber”, diz Tomás, “que há dois modos de participação de alguma coisa. No primeiro modo participa-se da substância do participante, como quando o gênero é participação pela espécie – o gênero faz parte da substância da espécie. Mas não é deste modo que o Ser é participado pelas criaturas. Logo, o Ser é participado sem se tornar parte da essência da coisa” (*Quodlibeta*, II, 3). Em outros termos, os seres não participam do Ser como as fatias de um bolo. Se fosse assim, o Ser e os seres teriam a mesma natureza. Mas os seres participam do Ser como uma cópia participa do seu modelo. É uma participação por

semelhança, não por essência. Com esta doutrina Tomás evita o perigo do panteísmo, sem diminuir as criaturas. O ser delas ainda permanece divino.

3.4 A limitação da perfeição do ser nas criaturas é devida à potência ou à essência

É necessário que alguma coisa limite a perfeição do Ser, por si infinita, aos graus finitos que ela tem nos seres. Esta função compete à potência, ou seja, à essência. “O Ser considerado de modo absoluto” diz Tomás, “é infinito (...). Por isso, se se torna finito, é necessário que seja limitado por alguma coisa ‘que tenha a capacidade de recebê-lo’ (*quod sit receptivum eius*), isto é, pela essência”², a qual é, portanto, diferente de ser para ser. Tomás distingue dois grupos principais de essências: as puras, como os anjos, e as mistas, compostas de matéria e forma. Da concepção da essência como potencia limitativa do ser ele deriva a doutrina importante da distinção real entre essência e existência.

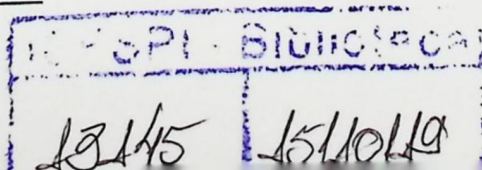
A distinção real já tinha sido ensinada por Avicena, para o qual, porém, a existência era um acidente. Tomás retoma a doutrina aviceniana da distinção real, mas modifica-a radicalmente: ele não considera mais a essência e a existência segundo uma relação de potência substancial e ato substancial. Esta distinção real entre essência e existência explica a finitude dos seres. Não é necessário, por isso, pôr a matéria nos anjos a fim de justificar-se a sua finitude.

3.5 Entre os diversos seres e dentre eles e o Ser há analogia ou semelhança

É óbvio que os seres, procedendo da mesma fonte, tem alguma coisa em comum que os torna semelhantes. Esta semelhança é mais ou menos profunda conforme pertençam à mesma espécie ou não. Se os seres pertencem à mesma espécie, a semelhança é específica; se pertencem ao mesmo gênero, genérica. Se não pertencem nem ao mesmo gênero, nem à mesma espécie, a semelhança é designado por Tomás com o termo analogia, o qual originariamente significa simplesmente “semelhança”.

Também entre os seres e o Ser há semelhança de analogia: “Entre Deus e as criaturas pode haver uma semelhança de analogia [...] uma vez que as coisas criadas são feitas ‘à semelhança da natureza divina’ (*naturae divinae simulantur*)” (De potentia, III, 4 ad 9). Também a analogia entre os seres e Deus nasce da participação deles na perfeição do Ser.

² Summa contra gentiles, I, 43



Os princípios supra são a base da metafísica de Tomás de Aquino. Sobre eles ergue uma cúpula que abarca todo o universo. Nela estão preservados todas as colunas das metafísicas de Aristóteles e de Platão.

4.1 O argumento ontológico da existência de Deus defendido por Anselmo de Aosta

O que nós cremos pela fé sobre a natureza divina e as pessoas do céu, sobre a eternidade, pode ser demonstrado com regras racionais, sem se recorrer à autoridade dos Escrituras. (Santo Anselmo de Aosta [1033-1109], XI^a, p. 179)

As coisas, quando se dizem de outros e de Deus como o aritmético e o filósofo, e o agrônomo e o médico, dizem-se significativamente das pessoas: "Deus existe?" e se quer que possa significativamente afirmar? E como alguém poderia dizer: "Deus não existe?" (Anselmo de Aosta, XI^a, o não existencialismo de Deus é heresetico da fé e heresetico da fé e "a existência" de outros coisas, pois afirma defendida por Tomás de Aquino com este argumento para provar a existência de Deus após trabalho)

A existência de Deus / aritmético e filósofo

A primeira tentativa para demonstrar a existência de Deus é a de Santo Anselmo de Aosta. Tinha ele uma profunda formação em filosofia (1033-1109), teologia (1033-1109), direito (1033-1109) e em outras disciplinas da época (1033-1109).

Filosofo e teólogo, Anselmo chegou ao Aosta no norte da Itália. Tornou-se o primeiro bispo e foi arcebispo de Cantuária, na Inglaterra, onde teve grande parte dos seus trabalhos no exílio devido a diferenças políticas entre o poder civil e a Igreja. Refletiu sobre a doutrina da Igreja e, no teologia, os efeitos de razão que ele via como base e não como apenas a autoridade da fé.

De maneira semelhante a Santo Agostinho, "existir para compreender" era o tema de Santo Anselmo. Ele entende que, para atingir o conhecimento, não se pode parar de desenvolver a fé, de fé, o não da razão, em vez de se poder, porque a fé não é a razão.

4 A EXISTÊNCIA DE DEUS

As várias posições de defesa da existência de Deus como o ontologismo, o fideísmo, o agnosticismo e o cosmologismo engendraram-se das perguntas: “Deus existe?” e se existe, que provas consistentes oferecer? E como soluções propõem respectivamente as provas “*a priori*” (Anselmo de Aosta), a fé, o não conhecimento de Deus à luz natural da razão ou à luz natural da fé e, “*a posteriori*” do existir divino. Esta última, defendido por Tomás de Aquino com cujo pensamento será gasta a tinta do intelecto nesse trabalho.

4.1 O argumento ontológico da existência de Deus defendido por Anselmo de Aosta

O que nós cremos pela fé sobre a natureza divina e as pessoas da mesma, exceto a encarnação, pode ser demonstrado com razões necessárias, sem se recorrer à autoridade das Escrituras. (Santo Anselmo *apud* CHALITA, 2007, p. 139)

As várias posições de defesa da existência de Deus como o ontologismo, o fideísmo, o agnosticismo e o cosmologismo engendraram-se das perguntas: “Deus existe?” e se existe, que provas consistentes oferecer? E como soluções propõem respectivamente as provas “*a priori*” (Anselmo de Aosta), a fé, o não conhecimento de Deus à luz natural da razão ou à luz natural da fé e, “*a posteriori*” do existir divino. Esta última, defendido por Tomás de Aquino com cujo pensamento será gasta a tinta do intelecto nesse trabalho.

A existência de Deus é evidente imediatamente.

A posição sustentada pelo ontologismo é a de que Deus existe por necessidade essencial. Entre os seus principais defensores estão Malebranche (1632-1715), Gioberti, Anselmo, Descartes (1596-1650), Leibniz (1646-1716) e por alguns seguidores de Hegel (1770-1831).

Filósofo e Teólogo, Anselmo, nasceu em Aosta, no norte da Itália. Tornou-se monge beneditino e foi arcebispo de Cantuária, na Inglaterra, embora tenha passado parte dos anos posteriores no exílio, devido a disputas políticas entre o poder civil e a Igreja. Defendeu com firmeza os direitos da Igreja e, em teologia, os direitos da razão, que ele via como base, e não como ameaça à verdadeira fé.

De maneira semelhante a Santo Agostinho, “creio para compreender” era o lema de Santo Anselmo. Ele entendia que, para atingir o conhecimento, era preciso partir da revelação divina, da fé, e não da razão; em seguida se poderia penetrar a fé mediante a razão.

Sua notoriedade se deve principalmente à proposição do argumento ontológico da existência de Deus, raciocínio bastante distinto do utilizado até então pelos pensadores cristãos para dar provas da existência da divindade. Anselmo morreu em 1109 na Inglaterra.

Anselmo foi tido como o mais ilustre filho da família beneditina a ponto de ter sido chamado de “o primeiro escolástico autêntico”.

Entre os anos de 1076 e 1077 escreveu suas obras mais famosas que são: *Monologion* (ou “Solilóquio”) e o *Proslogion* (ou “Colóquio”). Depois que foi eleito abade (1078), ele escreveu o *De Grammatico* (“O Gramático”), *De Veritate* (“Sobre a Verdade”), o *De libertate arbitrii* (“O livre-arbítrio”), o *De casu diaboli* (“A queda do diabo”), o *Liber de fide Trinitatis* e o *De incarnatione Verbi*.

O argumento ontológico é o seguinte: em primeiro lugar, é preciso aceitar a idéia de que há diferentes ‘graus de perfeição’ entre os seres representados em nossa mente e os existentes na realidade. Assim, o ser existente na realidade é ‘mais perfeito’ que um ser que existe apenas em nosso intelecto, ou é ‘mais perfeito’ que a representação que temos dele em nossa mente. Por exemplo, uma escultura é mais perfeita que a idéia que temos dela, simplesmente porque tem existência própria, independentemente de nossos pensamentos. Da mesma forma, poderíamos dizer hoje que uma pessoa qualquer tem um ‘maior grau de perfeição’ que o de seu retrato fotográfico.

Além disso, qualquer coisa que exista na realidade é mais perfeita do que algo que só existe em nossa mente. Apliquemos o mesmo raciocínio à divindade. Podemos representar mentalmente a ideia de um ser infinito, todo poderoso, eterno, onisciente, absolutamente perfeito – estes são os principais atributos de Deus. Esse ser necessariamente é o mais perfeito entre todos os que podem ser imaginados, isto é, não pode haver nenhum ser mais perfeito que este, por princípio. No entanto, se ele é o ser de mais alto grau de perfeito possível, ele necessariamente tem de existir na realidade; caso contrário, chagaríamos a uma contradição. Afinal, algo, para ser absolutamente perfeito, tem de existir tanto como representação intelectual quanto na realidade; se não fosse assim, simplesmente não conseguiríamos pensar num ser totalmente perfeito. Por isso, Deus tem de existir, porque a razão obedece à lógica argumentativa. (Gabriel Chalita, 1997)

O discurso de Anselmo sobre a existência de Deus é apresentado por Giovani Realle assim:

Provas a posteriori. São quatro as provas com as quais Anselmo mostra como, a partir do mundo, se chega a Deus. A primeira deriva da consideração de que cada qual tende a se apoderar das coisas que julga boas. Mas os bens são múltiplos.

Então, como será o seu princípio: múltiplo ou único? A bondade em virtude da qual as coisas são boas só pode ser uma. Assim, se as coisas são boas, existe a bondade absoluta. A segunda deriva da idéia de grandeza, não espacial, mas qualitativa. A variedade dessa idéia de grandeza, por nós constatada, exige a suma grandeza, da qual todas as outras são uma participação gradual. A terceira não deriva de um aspecto particular da realidade (bondade ou grandeza), mas do ser simplesmente. Eis a formulação de Anselmo: "Tudo aquilo que existe, existe em virtude de alguma coisa ou em virtude de nada. Mas nada existe em virtude de nada, isto é, do nada não provém nada. Assim, ou se admite a existência do ser em virtude do qual as coisas existem ou nada existe. Mas, como existe algo, existe o ser supremo." A quarta via deriva da constatação dos graus de perfeição, que se apóia sobre a hierarquia dos seres e exige que exista uma perfeição primeira e absoluta. Entretanto, ao término do seu trabalho, Anselmo percebeu que as quatro provas do Monologion, elaboradas de forma um tanto complexa e tortuosa, submeteriam a dura prova a mente dos leitores. Consequentemente, procurou outro caminho, que, quase como a luz vívida de um relâmpago, permitisse à mente abranger a priori a afirmação da existência de Deus. Anselmo era teólogo que não pensava pelo gosto de pensar: tinha bem vivo dentro de si o sentimento da responsabilidade e do dever de difundir a verdade – a verdade de Deus. Daí a necessidade de um argumento simples, persuasivo e auto-suficiente, destinado a gerar a imediata e invencível convicção da existência de Deus. E foi justamente no Proslogion que ele expôs esse argumento.

A prova a priori ou "argumento ontológico". São os seguintes os termos essenciais do argumento: Deus é "aquilo do qual nada de maior pode-se pensar" (*id quod maius cogitari nequit*). E isso é pensado até pelo ateu e pelo tolo de que fala o Salmo, que, no seu coração, diz: "Deus não existe." Para negar a Deus, ele sabe estar falando de um ser do qual não é possível pensar nada de maior. Portanto, se o ateu pensa Deus, Deus está em seu intelecto – caso contrário, não pensaria nem negaria a sua existência. Mas, ao negar que Deus existe, o ateu quer dizer que Deus não existe fora do seu intelecto, isto é, na realidade. E aí reside a contradição: se ele pensa que Deus é o ser do qual nada de maior pode-se pensar e, ao mesmo tempo, nega que Deus exista fora do seu pensamento, então é induzido a admitir que é possível algo maior do que Deus, algo que, além de existir no pensamento, exista também na realidade. O que é contraditório, pois afirma e nega que Deus seja o ser do qual nada pode ser maior. Em outros termos: se Deus é o ser em relação ao qual nada pode ser maior, não é possível considerá-lo como existente no pensamento, mas não na realidade, porque, nesse caso, ele não seria maior. Santo Anselmo estava persuadido de que os homens tinham um forte sentimento de Deus: a sociedade estava plena desse sentimento, que era o alimento secreto da vida e das reformas eclesásticas em curso. O que ele fez foi uma tentativa de dar uma estrutura lógica a um núcleo fundamental do "fato religioso", considerando poder traduzir em conclusões racionais a difusa aceitação da fé cristã. (REALLE; ANTISERI, 1990, pp. 496-497).

Anselmo foi quem primeiro utilizou esse caminho da prova da existência de Deus. Ao pensar e inquirir sobre a existência de Deus o filósofo trilhou dois métodos.

Em sua obra "*Monologium*", procede "*a posteriori*" (necessita ser demonstrado), tentando provar a existência de Deus a partir dos fatos; noutra obra, "*Proslogium*", Anselmo persegue uma forma de apresentar a existência de Deus de modo que ela seja irrefutável, neste caso o filósofo procederá "*a priori*" (é evidente imediatamente). Por esta última forma, Anselmo (*Proslogium* C.1-3) defenderia este argumento: "*Deus ens est in quo maius cogitari nequit*"³; com isso, afirma que Deus é aquele que toda perfeição contém e, por isso, existe; a

³ Deus é o ser maior do que não existe outro. (Tradução minha).

sua existência está no conceito de perfeição que, por conseguinte, é aplicada à natureza e a Deus.

Portanto, a concepção de Deus sem sua existência seria absurda. Não existe nenhuma necessidade de Deus ser demonstrado, pois ele é evidente imediatamente –, ou seja, provado sem mediações.

Esse argumento, ao qual nem mesmo os ateus poderiam resistir, conforme Anselmo, é chamado ontológico, porque a partir da análise da idéia de Deus, que está na mente se deduz a sua existência fora da mente. Também é chamado de simultâneo, porque sustenta que a idéia de Deus está incluída, ao mesmo tempo, a existência. Pensar Deus e considerá-lo realmente existente é, simultaneamente, *unum et idem*.

Anselmo consegue provar a existência de Deus de forma “absoluta”, de modo que não possa ser contestado por qualquer argumento ontológico – nome cunhado por Kant. Posteriormente esse argumento seria duramente questionado, primeiro pelo monge Gaunilon, que foi discípulo de Anselmo; mais tarde, por Tomás de Aquino que refutaria tal método.

Diante do argumento acima apresentado, chamado ontológico, a filosofia posterior dividiu-se em dois blocos: a favor e contra. Defenderam o argumento ontológico Scot, Descartes, Leibniz e Hegel. Rejeitaram-nos Tomás de Aquino, Kant, Maritain e muitos outros.

Os que rejeitam o argumento afirmam que ele peca contra as regras da lógica – mudança de suposição no verbo de ligação ou no conceito de Deus – e que parte do falso pressuposto de que tenhamos um conceito adequado da perfeição divina.

Os que defendem o argumento justificam sua validade apelando para a singularidade do caso em questão: Deus não pode ser pensado senão como existente; por isso, se se pode pensar Deus, é necessário pensá-lo como existente.

O argumento ontológico, como um câncer, tem dentro em si um erro fatal e que de forma surpreendente e sutil, Tomás, explica e demonstra com categorias claras, distintas, objetivas e sensatas.

Já antes, o discípulo de Anselmo de Aosta, Gaunilon, apresentava qual o erro fino, mas também grosseiro seu mestre cometera, e criticando tal argumento não abre mão da razão a qual dá prioridade em detrimento da submissão intelectual que tem a ele.

E depois deste pensador, muitos outros pensadores criticaram a tentativa de Anselmo de explicar a existência de Deus.

A seguir passa-se a apresentação da principal crítica a ser enfocado neste escrito, visto a pertinência do tema.

4.2 Refutações de Tomás de Aquino ao argumento ontológico

Assim como Gaunilon aponta o problema do argumento utilizado por Anselmo, que vai contra o princípio do realismo, Tomás também o faz, mas de modo mais sistemático e consistente, fazendo uma série de questionamentos e apontando os erros mais bruscos. O exame do argumento, Tomás o fez em duas de suas principais obras, *Summa contra gentiles* e *Summa Theologica*.

Tomás, de início, toma as proposições agnóstica e fideísta, às quais acusa de oporem-se à razão natural, que tem por sua expressão mais perfeita demonstrar as verdades, partindo dos efeitos às causas. Deduz-se disto, que segundo os fideístas e os agnósticos toda ação e trabalho dos filósofos são prescindíveis. Contra aqueles, Tomás afirma que todo conhecimento da existência de Deus provém da realidade sensível, que é efeito do poder deste. Esse conhecimento pelos efeitos não exaure o que é Deus, mas é suficiente para se chegar a concebê-lo como causa de toda e qualquer realidade.

Contra o argumento ontológico, Tomás (2001, q. 2. a. 1) utiliza duas objeções: a primeira é a que “*nem todos possuem a mesma noção de Deus*” que o argumento defende deste modo: “*ens quo maius cogitari nequit*”⁴. Nem todos possuem a mesma concepção de Deus que Anselmo, pois antes houve quem o pensasse de outro modo – os panteístas, os estoícos; e se possuíssem a mesma noção de Deus esta não seria critério de existência real de Deus, mas apenas uma demonstração de que o ser do qual não se pode pensar nada maior deve existir (mas também pode não existir – neste implica a possibilidade) (AMEAL, 1941). Portanto, segue-se que Deus exista não na realidade, mas somente na mente do homem que pensa, Deus é lógico.

Outra objeção seria a da confusão entre os conceitos de *quoad se* e *quoad nos* (AQUINO, 1934) – ou evidente em si e evidente para nós que Tomás afirma serem dois tipos de proposições de diferentes. Quando se afirma que “Deus é”, é sustentada uma proposição *quoad se*, porque no sujeito compreende-se o predicado e, se assim é, Deus é evidente; mas quando se refere aos homens a proposição não é evidente porque o homem não tem a compreensão do predicado a Deus atribuído, e ainda porque não exaurem aquilo que é o ser próprio de Deus. A evidência da existência de Deus, *quoad se*, não significa que deva ser também a *quoad nos* ou em relação á realidade (JASPERS, 1926).

⁴ “Ser do qual outro maior não se pode pensar” (Tradução minha).

É preciso com sutileza distinguir o que seja a coisa em si e coisa como se apresenta. Por exemplo, uma coisa é uma árvore em si e outra a árvore como se apresenta a Pedro. Na primeira proposição é evidente, mas na segunda depende do conhecimento que Pedro tem dela (conhecimento lógico).

Conclui-se, portanto, Deus não é evidente para os homens.

Tomás ao analisar minuciosamente o argumento nota nele a sutileza sofisticada e aponta suas principais inadequações.

O doutor Angélico partindo da crítica aos argumentos sobre a existência de Deus aponta que Deus deve ser demonstrado, primeiro porque a demonstração é o ato próprio da razão e depois porque Deus não é evidente *quoad nos*. Tomás oferecerá provas que demonstrarão a existência de Deus de forma precisa e compreensível, o que de agora em diante procura abordar este escrito.

4.3 Provas da existência de Deus

Para se tratar da existência de Deus em Tomás é mister um preâmbulo de como o Doutor Angélico chegou ao conhecimento de Deus.

Tomás procede criticando os principais argumentos que, outrora, foram usados para a defesa da existência ou não-existência de Deus e, de cada um deles, aponta as falhas.

Para o Aquinate há duas formas de demonstração da verdade, uma pela causa, *propter quid* e outra, pelos efeitos, *quia*. A esta Tomás toma para fundamento de sua argumentação, porque mais viável – *Deus será conhecido pelos efeitos (criaturas)*, e exclui a primeira em vista de que Deus não é evidente ou pelo menos é mais fácil conhecer os efeitos e, destes passar à causa que passar desta àqueles (JOLIVET, 1965).

Pelo método *a posteriori* Tomás constrói cinco argumentos, ou como ele mesmo chama *viis*, fundamentadas na filosofia aristotélica (filosofia realista) (JOLIVET, 1961) ⁵, sobretudo, ao que diz respeito ao princípio de causalidade: relação de causa e efeito. As vias são estas: a que parte do movimento, afirma, Deus é o motor imóvel; a natureza da causa eficiente, diz, Deus é a causa eficiente e primeira; dos seres contingentes e necessários, Deus é o ser necessário; dos graus de perfeição, Deus é o ser perfeito; e, por fim, da ordem do cosmo, Deus é o ordenador supremo. Antecipando o que se pode entender com maior facilidade depois da exposição do esquema das vias de Tomás, as vias podem ser divididas

⁵ Nome dado à filosofia de Aristóteles, natural de Estagira (384-322 a.C.).

desta forma: as três primeiras (motor imóvel, causa eficiente primeira e ser necessário) se referem a uma causa eficiente, são chamadas de prova cosmológica; e as duas últimas (ser perfeito e supremo ordenador) relacionadas às causa final, podem ser chamadas de prova teleológica (ZILLES, 1997).

O doutor Angélico, pela pureza e lógica de seu pensamento, organiza de tal modo as provas da existência de Deus que estas se tornaram de fácil compreensão, porque ao observar o universo qualquer homem (senso comum) poderá chegar ao raciocínio das vias e, à posterior prova da existência de Deus, mesmo que esta seja limitada e imperfeita.

Em seguida há a apresentação das vias.

a. Primeira via: *pelo movimento*

A primeira e mais evidente é a que toma por base o movimento. É certo, e está de acordo com nossa experiência, que algo se move no mundo. Tudo o que se move é movido por outra coisa, pois nada se move se não estiver em potência para aquilo o que se move; porém, o que se move se não estiver em potência para aquilo que move, já que mover não é senão fazer algo passar de potência para ato; ora, mas nada pode passar de potência para ato senão por meio de um ser que já está em ato; por exemplo, o quente em ato, como o fogo, torna a madeira, que é quente em potência, em quente em ato, movendo-a e alterando-a. É impossível que a mesma coisa seja ao mesmo tempo em potência e em ato em relação ao mesmo, mas apenas em relação a diversas coisas: aquilo que é quente em ato não pode ser ao mesmo tempo quente em potência. É impossível que no mesmo sentido e do mesmo modo algo seja movente e movido, ou que seja movido por outra coisa e assim sucessivamente. Se não houvesse um primeiro movente cairíamos então em um processo indefinido ou, caso contrário, chegaríamos a algo que não seria movido, já que os segundos moventes só movem se forem movidos pelo primeiro movente, assim como uma bengala na move, se não for ela própria movida pela mão. Portanto, é necessário chegar a um primeiro movente que não seja movido por nenhum outro: e este todos entendem ser Deus. (Summa Theologica I., q. 2. a. 3.)

Na primeira via há o desenvolvimento da afirmação: *Deus é o motor imóvel*; a proposição que introduz o argumento é “*omne ergo movetur, oportet ab alio moveri*” (AQUINO, 2001, q. 1. a. 3)⁶, e é de fácil compreensão que o universo esteja em movimento e se assim ocorre o deve ser por algo que esteja em ato para fazê-lo. Por exemplo, quando Pedro joga uma taça no chão, o que move a taça é Pedro e se é movida, está em potência e aquele em ato –, mas nesta relação de causa e efeito dá a entender que há sempre uma causa e um movido com abertura ao infinito (o que é engano).

Nesta relação de movido e motor não se pode estender ao infinito, porque há a necessidade de um motor primeiro que mova tudo e não seja movido por nenhum outro ser a

⁶ Summa Theologica. I, q. 1, a. 3 – “tudo o que se move é por outro movido”. (Tradução minha).

senão por si mesmo. A este ser que se move a si mesmo, está em ato sempre, que tudo move, dá-se o nome de Deus. Deus é o motor primeiro e imóvel.

Nesta via há a argumentação com base no fato do movimento. Para que ele exista é imprescindível que haja um primeiro motor, que mova sem ser movido, conforme já advertia Aristóteles.

b. Segunda via: *pela natureza da causa eficiente*

A segunda via baseia-se na causa eficiente. Encontramos nas coisas sensíveis uma ordem de causas eficientes, já que nada pode ser causa eficiente de si mesmo, pois se assim o fosse existiria antes de si mesmo, o que é impossível. Também não é possível proceder indefinidamente nas causas eficientes. Em todas as causas eficientes ordenadas, em primeiro lugar está a causa do que se encontra no meio, e o que se encontra no meio é causa do que está em último lugar, tanto se os intermediários forem muitos, quanto se for um só; tiradas as causas tira-se o efeito; logo, se não for o primeiro nas causas eficientes, não haverá primeira causa eficiente, e, portanto não haverá também nem efeito último nem causas intermediárias, o que é evidentemente falso. Logo é necessário admitir alguma causa eficiente primeira, à qual todos chamam de Deus. (Summa Theologica I., q. 2. a. 3.)

A atribuição de causa eficiente a Deus é desenvolvida na segunda via, nela Tomás parte da natureza da causa eficiente (AQUINO, 2001, q. 1. a. 3). Ora, tudo o que há, é observável, ou é causa ou é efeito (relação); uma esfera de bilhar move-me sobre a mesa em razão da tacada forçada pela mão do jogador, isto é um exemplo do que seja causa e efeito; não se pode suprimir a força do jogador, porque senão ela não se moveria; não se pode também proceder ao infinito nessa atividade, de sempre procurar uma causa para determinado efeito, porque se assim acontece não se poderá chegar a uma causa primeira eficiente.

Deve haver uma causa que seja primeira (sem causa primeira seria, pois absurdo a existência de algum efeito) senão, não haveria efeito e não haveria causalidade. Conclui-se, com isso, que há uma causa primeira e eficiente que todos chamam de Deus.

Nesta via o Aquinate alega que as causas da existência devem, em última instância, supor uma causa primeira eficiente. O silogismo tem a mesma estrutura daquele da primeira via.

c. Terceira via: *dos seres contingentes ao ser necessário*

A terceira via é baseada no possível e no necessário. Encontramos dentre as coisas algumas que podem ser ou não ser, já que encontramos algumas que são geradas e se corrompem, e por isso mesmo podem ser ou não ser. É impossível que todas estas coisas existam sempre, pois o que pode não ser alguma vez não é. Se todas as coisas

podem não ser, alguma vez nada existiu. Se assim fosse na verdade, também agora nada existiria, pois o que não existe não começa a existir senão a partir de algo que existe; se, entretanto, nada existia, seria impossível que algo começasse a existir, e assim nada absolutamente existiria, o que é evidentemente falso. Portanto, nem todos os seres são possíveis, mas é indispensável que algum ser seja necessário. Todo ser necessário ou tem a causa de sua necessidade como externa ou não. É impossível, porém, que procedamos indefinidamente em relação aos seres necessários, que tem uma causa de sua necessidade, como também nas causas eficientes, da forma como provamos. Logo, é necessário admitir algo que seja necessário por si, não tendo fora dele a causa de sua necessidade, antes pelo contrário, que seja ele mesmo a causa da necessidade dos outros: a este se todos chamam de Deus. (Summa Theologica I., q. 2. a. 3.)

Na terceira via, há procedência de Tomás da necessidade e da possibilidade dos seres para explicar Deus como ser necessário. É notável no universo a corrupção dos seres, o que denota que eles são em potência e conseqüentemente podem ou não existir. Se algo existe, é porque há algum ser necessário que o sustenta. Este se sustenta a si mesmo e é ser pela própria necessidade e, em contrário daquele não precisa de causa porque de si é a causa – basta-se a si mesmo. Todo ser que se corrompe está em movimento, é contingente, está em potência e, por isso, necessita de algum ser que o suporte, que o ponha em movimento (ver item a).

É-se preciso que se compreenda que se o mundo que é contingente existe deve haver um ser necessário existente que o sustenta, porque caso contrário ele não existiria; este ser necessário que sustenta o mundo é Deus, só ele basta-se a si mesmo.

Nesta via, Tomás considera o fato de que as coisas que se apresentam no mundo são contingentes e que, nesta condição, não existiriam se não houvesse um ser não contingente. Aqui podemos notar a influência do pensamento de Avicena. Lembremos que em filosofia, contingente significa aquilo que não possui, em si mesmo, sua própria razão de ser. Assim como Deus é necessário, porque é a causa e sua própria existência, o homem é um ser contingente.

d. Quarta via: *o grau de perfeição nos seres*

A quarta via tem por base os graus que se encontram nas coisas. Encontramos, com efeito, nas coisas, algo mais ou menos bom, verdadeiro, nobre, e assim por diante. O “mais” ou “menos” é dito acerca dos diversos seres conforme se aproximam de forma diferente daquilo que é o máximo, como o mais quente é aquilo que se aproxima do quentíssimo. Existe algo que é o verdadeiríssimo, ótimo, nobilíssimo e, por conseguinte, o ser máximo, pois as coisas que são verdadeiras ao máximo são os maiores seres, como é dito no Livro II da Metafísica. O que é máximo em algum gênero é causa de tudo o que é daquele gênero, como o fogo, que é o máximo do quente, é causa de todos os quentes, como é dito no mesmo livro. Logo, existe algo que é a causa da existência de todos os seres, e da bondade e de qualquer perfeição, e a este chamamos Deus. (Summa Theologica I., q. 2. a. 3.)

No exame dos seres como portadores de certa proporção mais ou menos de bem, verdade, entidade etc., ou seja, dos graus de perfeição Tomás delimita a quarta via, na afirmação de que Deus é o ser perfeito que em todos os outros seres fundamenta a perfeição e, no qual, estão todas as perfeições como beleza, bondade no mais alto grau (ABRÃO, 1999). Se existem graus de perfeição nos seres é devido à relação destes com Deus que possui a máxima perfeição (tem-se em relação a este argumento a ideia de Deus como fonte das perfeições). Por isso, tudo o que é bom não importa em que grau, se é, é em vista de uma causa perfeita – Pedro é mais belo que João, mas ambos por analogia comungam da mesma fonte de perfeição que é Deus, só ele pode ser a fonte de todas as perfeições.

A via de Tomás implica a passagem da perfeição em grau relativo para um grau absoluto que só pode ser Deus.

Nesta via, Tomás alega os graus de perfeição constatados nos seres que conhecemos e que postulam um grau máximo de perfeição – um argumento tipicamente platônico. O caminho até Deus se processa aqui por certos graus de perfeição encontramos no mundo dos fatos, e que somente se explicam por um grau máximo, Deus.

e. Quinta via: *a ordem do universo*

A quinta via é derivada do governo das coisas. Vemos que as coisas que não tem inteligência, como, por exemplo, os corpos naturais, agem para uma finalidade, o que se mostra pelo fato de sempre ou frequentemente agirem da mesma forma, para conseguirem o máximo, donde se segue que não é por acaso, mais intencionalmente, que atingem seu objetivo. As coisas, entretanto, que não tem inteligência só podem procurar um objetivo dirigidas por alguém que conhece e inteligente, como a flecha dirigida pelo arqueiro. Logo, existe algum ser inteligente que ordena todas as coisas da natureza para seu correspondente objetivo: a este ser chamamos Deus. (Summa Theologica I., q. 2. a. 3.)

Deus é o ordenador supremo. Esse é o argumento de conclusão da quinta via que inicia o seu discurso da ordem cosmológica passando ao supremo ordenador. Tudo o que há no universo possui uma ordem e um fim para o qual se dirige que pode sua vez devem ter sido elaborado por uma inteligência ou ordenador supremo e não pela mente humana que é limitada ao conhecimento de parte do universo. Por isso o intelecto supremo que criou e ordenou o mundo só pode ser Deus (AQUINO, 1973), para este, todas as coisas se orienta para um fim que é ele mesmo.

Nesta via, Tomás de Aquino toma como ponto de partida a ordem do mundo, dada como um fim intencional. Em outras palavras, como as coisas sem conhecimento não tem capacidade de querer um fim, deve-se admitir que a ordem do mundo prova a existência de

um ordenador exterior a ele: Deus. O mundo foi criado conforme a Bíblia, mas Deus poderia tê-lo criado desde toda a eternidade. Nesse ponto Tomás contraria a doutrina dos agostinianos, pois admite a evolução (ciência e fé); Agostinho não chega a esse ponto. A quarta via parte do argumento dos graus para conduzir da multiplicidade à unidade superior; já a quinta parte da multiplicidade ordenada para a unidade de concepção.

Muitos que lerem as vias de São Tomás não as entenderão, mas isso é irrelevante, é preciso, pois, apenas saber qual o fim a que tal meio se remete.

5 A ESSÊNCIA OU NATUREZA DE DEUS

A ciência que trata de Deus à luz da razão é a Teodicéia, à qual procura resposta à pergunta: “Deus existe?”, que gerou e ainda gera grande polêmica e divisão de teorias acerca de tal assunto. Mas a Teodicéia não fica apenas nesta questão e vai mais além e indagando que coisa é Deus ou qual natureza ou essência de Deus? Ora, saber de Deus a existência é um tanto quanto fácil, mas chegar à sua essência *non autem possumus scire quid sit* como afirma o próprio Tomás (AQUINO, 2001, q. 3. a. 4), porque Deus ultrapassa tudo o que dele conhecem os homens, tudo o que exista ou que seja ser, Deus é inalcançável e incontível. Mas o fato de ser Deus incompreensível em perfeição não quer dizer que seja impensável.

Pode ser que o homem não o conheça na sua perfeição, mas dele deve conhecer algo por mínimo que seja, e por fazer parte do conhecimento de Deus é verdadeiro. Pode-se, portanto, dizer que o conhecimento sobre Deus em essência e em perfeição é impossível, mas de forma imperfeita é possível. Não obstante chegar à essência perfeita de Deus ser uma tarefa impossível não impede que pelo menos em parte ele seja compreendido.

Comparando Deus e a criatura numa referência à relação causa e efeito pode-se assim por dois modos encontrar os atributos predicados a ele. Pela via da negação, que respeita a negação em Deus daquilo que há nas criaturas e, pela via da eminência que se refere àquilo que é aplicado ao homem, mas que em Deus é em absoluto.

5.1 Atributos negativos

A via da negação foi defendida por Pseudo-Dionísio como a única forma de conhecer a Deus; encontram-se os atributos divinos negando-lhe os atributos imperfeitos das criaturas.

Tomás utiliza-se desta defesa para procurar atributos negativos. Deus está além do que é a realidade, senão seria uma criatura no mundo. Deus é transcendente, portanto, deve-se-lhe negar as deficiências das criaturas e serão obtidas qualidades a ele aplicáveis.

É preciso saber por quais formas, pela via negativa, pode-se explicar o quid de Deus, e, a saber, são por sua simplicidade, infinitude, imutabilidade, eternidade e unidade. Começa-se, pois, tal esclarecimento pela simplicidade.

a. Deus é simples: simplicidade de Deus

É visto que toda e qualquer criatura é formada por composição, seja ela metafísica, lógica ou física. A primeira refere-se à ontologia, substância, acidente etc.; a segunda, ao composto de gênero e espécie; e por fim, a física, à reunião das partes (REALLE, 2002). A Deus não pode ser aplicado nenhuma destas composições e negando-as a Deus, chegar-se-á à simplicidade dele. Pode-se esclarecer tal questão recorrendo-se às vias, deste modo: Deus é causa in-causada (ver segunda via) e o que possui tal qualidade não pode ser composto, porque tudo o que assim é possui uma causa e, Deus não possui causa.

Deus é o ser necessário e primeiro (ver terceira via), se Deus fosse composto haveria partes que o anteporiam, mas antes dele não há partes, Deus é, por isso, simples. Em Deus, há, além desses caracteres, identidade entre essência e existência, portanto, ele é simples por perfeição e em absoluto.

Dessa negativa, passa-se a outra que é-lhe como que conseqüente. Só o ser simples é subsistente, porque não se corrompe.

b. Deus é infinito: a infinidade de Deus

Negando-Lhe a finitude das criaturas, atribui-se-lhe a infinidade. Deus é o ser que possui todas as perfeições, ou seja, todas em plenitude; se alguma perfeição lhe faltasse seria limitado e não seria infinito, mas finito (ex.: se em Deus faltasse à sensibilidade, ele seria a insensibilidade; e se a possuísse e, pequeno grau seria participante de algo que possuísse o grau de amor perfeito, conclui-se, deus seria limitado ou a insensibilidade ou a um pequeno grau de sensibilidade). Prova de tal atributo, infinitude, é que existe por si, *sed ipse suum esse subsistens*; tudo que existe o é por participação e, por conseguinte, limitado a algo.

Deus não precisa participar do ser porque ele é o ser subsistente, existe por si e não possui limites assinalados por alguma coisa. Uma vez que possui todas as perfeições, tem existência infinita, também possui essência infinita – porque nele essência e existência se identificam. Deus sem dúvida é infinito absolutamente. Dessa via, Tomás passa a imutabilidade de Deus. Se simples, subsistente; se subsistente, imóvel, porque não precisa de nenhum outro ser para movê-lo.

c. Deus é imutável: a imutabilidade de Deus

Tudo está em movimento afirmou Heráclito. Realmente o que existe está em movimento, muito embora não da maneira que afirmou. Eliminando em Deus este caráter encontrar-se-á a imutabilidade, só a ele aplicada. Mas Deus move-se a si mesmo, então ele é mutável? Afirmar que algo seja mutável supõe-se que haja um motor, que haja trânsito da potência para o ato (quem é movido sofre ação de um motor e passa de um estado a outro), por fim, que haja outra causa que não ela mesma.

Demonstrou-se que Deus é subsistente (ver o item b) a simplicidade de Deus) – existe por si mesmo –, que ele é motor que tudo move e que está em ato puro e, com isso, em hipótese alguma pode passar da potência ao ato – se assim fosse aconteceriam uma série de falsificações. Explica o Angélico que Deus move-se a si, mas esse movimento não se relaciona ao que existe em potência. *Ex quo patet quod impossibile est Deus aliquo moto mutari* (AQUINO, 2001, q. 9. a. 1)⁷. Deus, está concluso, é imutável por perfeição.

Tomás vai levando adiante seu intento procedendo de forma conseqüente. Deus não é complexo; Deus não é depende de nenhum outro ser; Deus não precisa ser movido, porque, sendo ato puro, não é movido por nenhum outro. Mas Deus, porque tem essas negações é também ser que existe sempre.

d. Deus é eterno: a eternidade de Deus

Acerca da eternidade de Deus, Tomás inicia respondendo deste modo: *sicut in cognitionem simplicium oportet nos venire per composita, ita in cognitionem aeternitates oportet nos venire per tempos* (AQUINO, 2001, q. 9. a. 1)⁸. O angélico faz uma relação definindo o tempo como consistente numa enumeração no movimento e, a eternidade, numa semelhança do que está fora do movimento. Da mesma forma do discurso acima produzido, assim pode-se trabalhar este; o que é imutável é eterno e não se sujeita à corrupção à qual se algo se sujeita relaciona-se também ao tempo que por sua vez existe em razão de um número de antes e depois, em outras palavras, o que é corruptível está situado no tempo, ao passo que o que é incorruptível a ele não se sujeita e, portanto, é eterno.

⁷ Summa Theologica I. q. 9, a. 1 – “Fica manifesto que em Deus não há qualquer mudança” (Tradução minha).

⁸ Summa Theologica I. q. 9, a.1 – “como para se chegar ao conhecimento do que é simples temos de ir pelos compostos, para o conhecimento da eternidade temos de ir pelo tempo.” (Tradução minha).

Deus é ato puro e imutável necessariamente é eterno e não está enquadrado à sucessão numérica de antes e depois. Embora se entenda que a simplicidade logicamente refere-se também à unidade, é preciso ser atento à ordem de termos e proposições que Tomás define.

Deus é o ser cuja essência e existência são as mesmas. (para melhor entendimento leia-se os fundamentos metafísica de Tomás).

e. Deus é uno: unidade de Deus

Outro atributo aplicado a Deus é o da unidade. Pode-se ou não dizer que Deus é uno? Deus é uno, primeiro pela identificação nele da essência e da existência, e por isso, só a ele pode ser comunicada a unidade, *nam ipse Deus est natura [...]* (AQUINO, 2001, q. 11. a. 3)⁹; a essência de homem é comunicada a vários outros homens (Pedro é homem, João é homem, Antônio é...). Exclui-se, com essa afirmação, a existência de outros deuses, porque isto implicaria a essência de Deus aplicada a vários outros, o que seria absurdo.

Outro fator relevante é que Deus é uno porque contêm todas as perfeições, a fonte para onde afluem e origem de tudo o que existe. Se Deus não fosse uno conviria negar os atributos até agora afirmados dele, *impossibile est igitur esse plures Deos et est necessario quis Deus sit unus* (AQUINO, 2001, q. 11. a. 3)¹⁰.

5.2 Atributos positivos

O Pseudo-Dionísio sustentou que de Deus só se conhecia as negações das criaturas, ao que Tomás contraria certificando que se pode acerca de Deus formular proposições afirmativas. Mas faz-se necessário observar que o conhecimento afirmativo de Deus que, consiste tomar aquilo que nas criaturas se manifesta de forma imperfeita e aplicar a Deus em eminência absoluta, mas é importante não confundir com antropomorfismo ou uma sublimação do homem, porque Deus não é isto, mas está muito além, porque ele é transcendente.

⁹ Summa Theologica I. q.11, a. 3 – “pois Deus é a sua natureza”. (Tradução minha).

¹⁰ Summa Theologica I. q.11, a. 3 – “é impossível a existência de vários deuses e é necessário que Deus seja uno”.

a. Deus é a inteligência absoluta

Todo ser humano possui ciência, uns em maior e outros em menor grau. Como se pode proceder na prova de que em Deus a perfeição de ciência está em grau supremo? Conhece-se não por meio da materialidade, mas pela imaterialidade – o intelecto espiritualiza as coisas por isso pode conhecê-las. Os sentidos só podem conhecer uma vez que fazem representações das coisas materiais – sensações, impressões que as coisas lhe causam, se não fosse assim não haveria capacidade de os sentidos conhecerem.

O intelecto possui uma faculdade espiritual, não recebe impressão material, por isso, mais espiritual e tanto mais pode conhecer; fica claro que quanto mais imaterial é o ser, tanto maior e mais válido e verdadeiro é o seu conhecimento que pode explicar a ciência de Deus, o de que ele é o ser ordenador e a inteligência supremos (ver Deus, o ordenador supremo) por fazer tão estupenda obra de ordenação do mundo só pode ser Deus.

Mas Deus não é somente inteligente, mas também bondade e vontade plena.

b. Deus é bondade

Numa relação de causa e efeito há sempre algo neste que seja semelhante àquele (AQUINO, 2001, I, q. 6, a. 1), por isso, se nas criaturas que, são efeitos de Deus – por ele causadas –, há bondade, então também em Deus há; convém afirmar que Deus é bom, mas não bondade tal e qual como está nas criaturas e sim a bondade suprema (os seres que são efeitos tem a bondade como efeito, enquanto Deus que é causa a possui como causa e fonte de toda e qualquer bondade).

Se Deus é o motor primeiro e é bom e causador da bondade nos seres, é oportuno dizer que é a suma bondade ou a eminência daquilo que é deficiente nos seres (SINIBALDI, 1961). Deus pode-se ainda dizer, é bom por essência, além dele não há ser a que possa ser aplicado a sua essência porque apenas nele está.

E, além de bondade e vontade plena é também a relação perfeita entre o pensamento, que faz a inteligência ser perfeita, e realidade existente, e por isso mesmo, verdade, e, suma vontade.

c. Deus é verdade e amor

A verdade é a adequação da mente à coisa, o que se pode chamar de verdade lógica. Em Deus esta relação funciona de forma eminentíssima, ou melhor, ao máximo. Em Deus não há divisão entre ser e inteligência, ele é sua inteligência e seu ser – esta relação de união de ser e pensar é a verdade, o que permite concluir que Deus seja verdade e não apenas que ela esteja nele.

O homem mesmo não é capaz de chegar à verdade absoluta porque não pode pensar a coisa tal e qual ela é (ser e pensar são diversos), mas pode fazê-lo de forma imperfeita o que em Deus se dá de forma eminente e perfeita, pois ser e pensar são a mesma atividade. Deus, está concluso, é a verdade em eminência absoluta.

Em Deus existe o amor. O apetite e a vontade – da qual é próprio a busca (o amor) do bem –, são próprios dos seres que tem sentido e intelecto. Deus possui intelecto, ele é a inteligência suprema, por isso supõe que em Deus haja vontade suprema que possui seu movimento arraigado no amor.

Todo ser que deseja algo supõe que o ame e que o desejado e amado seja um bem (Pedro deseja ser professor porque quer ajudar os ignorantes; é suposto que ame o ser professor porque é um bem para ele e para os outros). Se Deus é o intelecto absoluto, possui vontade que, por sua vez supõe a existência do amor que subjaz a qualquer ação volitiva.

Resta apenas atribuir a Deus o atributo amor porque nele há vontade. Deus é amor supremo, o qual está nele em eminência e no homem está em deficiência (o homem ama, mas aquele que possui o amor por antonomásia é Deus, e não apenas o possui, ele mesmo é amor).

Observou-se, portanto a procura pela essência de Deus a partir da negação e afirmação das individuações das criaturas nele. Não o que se questionar Deus é por negação: simples, infinito, imutável, eterno e uno; e por afirmação nele das predicções positivas das criaturas: inteligente, bom, verdadeiro e amoroso.

Conclui-se que a reflexão sobre a existência de deus é complexa, principalmente quando o homem não é capaz de formular conceitos precisos por causa da transcendência que é própria de Deus.

O crente e o não crente busca Deus. Mas estes não querem uma resposta superficial e rasteira visto que hoje as argumentações desde a Idade Moderna tem ganhado um aspecto relativo.

Aqui se buscou não uma resposta absoluta ou dogmática, mas crítica e que se perquire pelo exame racional chegar a uma solução senão definitiva, mas pelo menos provisória sobre tal questão tão polêmica.

Apresentou-se o ponto de vista de Anselmo, no seu argumento ontológico que desvela Deus, a partir de si mesmo – tese –, e foi oferecido o contraponto e a resposta de Tomás no seu argumento cosmológico, bem como partindo dele procurou-se chegar não só a existência, mas se foi até mais profundo questionando e solucionando a essência de Deus – antítese. E a síntese fica a critério do leitor atencioso que busca a verdade procedendo com racionalidade própria.

Não é que se queira absolutamente responder se é e o que é Deus, mas quer-se somente contribuir, em meio a tantos raciocínios, oferecendo um que aponte uma forma de racionalizar e solucionar tal problema.

São plausíveis os argumentos de Tomás sobre Deus baseados na causalidade e necessidade que foram usados para provar sua existência e, por conseguinte, buscar atributos aplicáveis a ele de maneira analógica. Além disso, o que mais fortalece essa filosofia é a originalidade de Tomás em aplicar as categorias de Aristóteles, purificando-as, na fundamentação da existência de Deus, sem falar na facilidade que os homens têm de entendê-los porque passam do mundo a Deus do qual a existência não é evidente a não ser em si.

Haverá homem que não entenda que, se há um efeito haverá também uma causa que o movimentou; se a cadeira move-se (efeito), isso acontece porque João nela aplicou uma força (causa).

O mais interessante no pensamento de Tomás é a habilidade e maestria com que ele se utiliza de categorias metafísicas e as aplica à realidade sensível. Não há que se surpreender o estudioso das obras de Tomás, que a lógica e o discurso dele são facilmente visualizadas na prática.

E, além de, neste final, saber-se por demonstração que Deus existe, pense-se que também se conhece algo de sua natureza, como a bondade, a simplicidade, a eternidade etc. que lhe foram atribuídas por negação ou por eminência.

Seria bom, portanto, que o leitor de Tomás, o fosse de forma desinteressada e sem preconceito visto que sua Teologia e sua filosofia têm um forte aspecto de racionalidade e que de forma alguma se entregam a um discurso rasteiro, superficial e fideísta, mas antes alcançam um alto grau de compreensão racional baseada no conhecimento sensível da realidade e lançando mão de categorias metafísicas.

No entanto, é mister lembrar que o discurso de Tomás sobre se Deus existe e que coisa seja, não se exaure neste escrito (comentário), mas há muitos outros argumentos que o Angélico utiliza contra os que não acreditavam na existência de Deus e, contra os que acreditavam, mas que negavam a possibilidade de se afirmar algo sobre ele senão pela fé. Mas afinal foi a isso que Tomás se dedicou, à síntese da Teologia na tentativa de relacionar Fé e Razão em um discurso sobre o transcendente.

Tente-se, pois, depois dessa breve exposição do tema sobre a Metafísica do ser de Tomás que visa sucintamente tomar em linhas claras a existência e essência de Deus, observar que Deus pode ser conhecido pela razão humana, não uma racionalidade arrogante, mas humilde, que tenta, mesmo que com categorias metafísicas análogas do ser genérico ao ser específico, Deus, dar razões desse ser.

As perguntas, Deus existe? E o que é Deus?, continuam sendo postas basta a partir de então procurar refletir mais sobre o tema vez que essa forma de abordagem sobre ele continua a ser aperfeiçoada hoje, primeiro porque tal forma de pensamento tem sido transcendida por outras como a resposta a pergunta sobre Deus a partir do próprio homem e a tentativa da ciência de encontrar uma forma empírica de dizer o que seja e se Deus é.

É como bem expõe Tomás (1934, III, 49) desta forma, “De Deus nós sabemos que existe, que é a causa de todos os seres e que é infinitamente superior a tudo. Isso é a conclusão e o ponto culminante do nosso saber nesta vida terrena.”

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Bernadette Siqueira. **História da filosofia**. Nova Cultural: São Paulo, 1999. (Coleção Os Pensadores)

AMEAL, João. **São Tomás de Aquino: iniciação ao estudo de sua figura e da sua obra**. 2.ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1941. Filosofia da Religião, V.1.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica: Teologia – Deus – Trindade**. São Paulo: Loyola, 2001. (V. I, Questões 1-43).

_____. **Summa Contra Gentiles**. Romae: Editio Leonina Manualis, 1934.

_____; ALIGUIERI, Dante; DUNS SCOT, John; OKHAM, William of. **Seleção de Textos**. São Paulo: Abril Cultura, 1973. Coleção Os Pensadores.

JASPERS, Ludugero. **Manual de filosofia no curso de filosofia de Ch. Lahr**. 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1926.

JOLIVET, Régis. **Tratado de filosofia III: metafísica**. Trad. Maria da Glória Ferreira Pinto. Rio de Janeiro: Agir, 1965.

_____. **Curso de filosofia**. Trad. Eduardo Prado de Medonça. 5. Ed. Rio de Janeiro: Agir, 1961.

MONDIN, Batista. **Curso de filosofia: os filósofos do ocidente**. Trad. N. Benoni Lemos. 10. ed. São Paulo: Paulus, 1982. Coleção de Filosofia V. I.

REALLE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 7. ed. São Paulo, Paulus, 2002. Coleção de Filosofia V. I.

SINIBALDI, Thiago. **Elemento de filosofia**. 4. ed. Roma: Via Del Branco S. Spirito, 1961.

ZILLES, Urbano. **O problema do conhecimento de Deus**. 2. ed. Porto Alegre: Edipucris, 1997. (Coleção de Filosofia - 61).